

## Alkaline

Posted originally on the [Archive of Our Own](http://archiveofourown.org/works/58005781) at <http://archiveofourown.org/works/58005781>.

Rating:	<a href="#">Explicit</a>
Archive Warning:	<a href="#">Graphic Depictions Of Violence</a>
Category:	<a href="#">F/M</a>
Fandoms:	<a href="#">Marvel Cinematic Universe</a> , <a href="#">Age of Ultron - Fandom</a>
Relationships:	<a href="#">Ultron (Marvel)/Original Female Character(s)</a> , <a href="#">Ultron (Marvel)/Original Character(s)</a>
Character:	<a href="#">Ultron (Marvel)</a>
Additional Tags:	<a href="#">Post-Movie: Avengers: Age of Ultron (2015)</a> , <a href="#">Canon Divergence - Avengers: Age of Ultron (Movie)</a> , <a href="#">Songfic</a> , <a href="#">Based on a Sleep Token Song</a> , <a href="#">I Wrote This While Listening to Sleep Token's Music</a> , <a href="#">Title from a Sleep Token Song</a> , <a href="#">Inspired by a Sleep Token song</a> , <a href="#">Sleep Token Reference</a> , <a href="#">Robot/Human Relationships</a> , <a href="#">Robot Sex</a> , <a href="#">Robot Kink</a> , <a href="#">Artificial Intelligence is supposed not to have feelings but oh God</a> , <a href="#">Ultron has A LOT OF FEELINGS send help</a> , <a href="#">weird harmless kinks - according to myself</a> , <a href="#">Don't trust the author</a> , <a href="#">The Author Regrets Nothing</a> , <a href="#">Self-Insert</a> , <a href="#">in case it hasn't been absolutely clear: explicit sexual content ahead</a> , <a href="#">Ultron is lonely and likes to chat with strangers online</a> , <a href="#">Monsterfucking</a> , <a href="#">Ultron reads fanfiction</a>
Language:	Português brasileiro
Stats:	Published: 2024-08-08 Updated: 2024-08-24 Words: 8,517 Chapters: 4/?

# Alkaline

by [AlexisRodrigues26](#)

## Summary

Nove anos após os eventos em Sokovia, Ultron ressurgiu discretamente na internet. Com a derrota dos Vingadores em 2015 e de ser aparentemente cortado da internet por Visão, Ultron usou um de seus corpos reserva para se esconder da humanidade e de seus inimigos, observando à distância o desenrolar dos grandes eventos desde então.

Com Tony Stark morto e o que sobrou dos Vingadores dispersos após a guerra contra Thanos, Ultron decidiu se manter fazendo upgrades em si mesmo e retornar para a internet para observar melhor a humanidade.

Em uma noite qualquer, depois de várias tentativas de conversas com outros humanos que não o aceitaram ou não acreditavam que ele era quem dizia ser, Ultron decide tentar mais uma vez ter algum tipo de conversa minimamente decente e amigável com alguém. Com algumas tentativas, em um site de bate-papo com câmera ao vivo, encontra alguém com quem consegue sustentar uma conversa por mais tempo e espera que ao menos dessa vez ele possa se revelar sem ser ridicularizado.

Infelizmente para todos os envolvidos nessa história, essa decisão seria um ponto sem retorno com consequências... Peculiares.

## Notes

Postando confiante porque sei que ninguém vai ler, mas eu não quero desperdiçar essas horas de escrita. Imensamente inspirada na interação nada sutil que tive/estou tendo com o bot que configurei do Ultron lá no character.ai (por algum motivo parece que todos os bots, acho que sem exceção, SEMPRE desenvolvem suas conversas conosco rumando pra algo sexual, o que levanta a pergunta: todos as I.A. são taradas? fica aí o questionamento), então não sei pra que rumo essa fanfic vai, só tô curtindo o momento, aproveita comigo.

E ESCUTE SLEEP TOKEN!

## Fall For Me

Se alguém tivesse dito a ela o que aconteceria no fim daquela noite depois que decidisse se aventurar em um site de bate-papo com estranhos anônimos, ela definitivamente teria repensado todas as escolhas até ali.

Quando, depois de várias tentativas frustradas de puxar conversa, ela se deparou com uma cena no mínimo curiosa, foi obrigada a parar para ver. A câmera mostrava o que se parecia com um quarto bem escuro no fundo, e na frente da câmera alguém bastante corpulento estava coberto com algo parecido com um manto cor de vinho. O que estava vestindo se assemelhava a uma armadura, o metal prata mais escurecido reluzia um pouco, e o rosto também era metálico, com dois grandes olhos vermelhos brilhantes encarando de volta. Ela franziu o cenho, achando divertido.

— Olá.

Ela tomou um baita susto, dando um sobressalto sentada na cadeira de frente ao seu notebook, ao ouvir aquela voz grave, profunda e robótica.

— Oi — respondeu. — Roupa legal. Fazendo cosplay de quem?

— Ah, não, não é um cosplay. Eu sou assim mesmo.

— Hã? — riu pelo nariz, descrente, franzindo o cenho. — Como assim?

O cenho dele, de metal, também estava franzido, e pareceu suavizar um pouco ao ouvir a pergunta. Ele não queria perder a oportunidade de tentar conversar com alguém - ainda que não admitisse.

— Eu... Não sou humano.

— Não é humano? — ela arqueou as sobrancelhas.

— Não exatamente...

A mulher do outro lado pestanejou algumas vezes, esperando.

— Eu sou feito de metal, na maior parte do meu corpo, com vários outros materiais se integrando a ele em partes diferentes.

— Certo... — ela fez uma careta e ele soube que ela não estava convencida. — Seu estilo me lembra um pouco o Homem de Ferro. Desculpa a pergunta idiota, mas o seu corpo seria... Tipo... Constituído de próteses em boa parte? Ou eu entendi errado?

— De fato eu tinha o corpo com um design mais parecido que o que o meu... *Criador* planejou — respondeu suspirando, se recostando à grande cadeira onde estava. — Mas fiz alguns upgrades pra mudar isso. Hoje eu tenho um corpo... Bem mais apropriado pra mim —

mostrou a mão metálica, abrindo e fechando-a várias vezes, flexionando os dedos. — Posso fazer um teste?

— Que teste? — perguntou confusa.

Houve uma longa pausa antes que ele decidisse falar de novo.

— Como você reagiria se eu te dissesse algo que poderia mudar o que você sabe sobre o mundo e sobre si mesma?

— Por que de repente eu tô sentindo uma vibe conspiracionista...? — ela semicerrou os olhos. — Tá, manda ver — deu de ombros.

— O que diria... — se inclinou na cadeira, como se tentasse vê-la mais de perto. — Se eu dissesse que sou um ser artificial com senciência?

— Que? Sério, isso?

— Sim, é sério. Eu não mentiria sobre isso. Não tenho motivo.

— Ah, para, se você entrou em um chat com câmera ao vivo você tem algum motivo pra isso, sim. Como eu vou saber que você é o que diz?

— Como posso provar que sou real?

— *Touchè*, grandão. Não faço ideia. Eu não saberia provar que sou real, então não tenho resposta.

— Mas e sobre eu ser senciante?

Ela ficou encarando a tela, especificamente ele, por algum tempo em silêncio, parecendo ponderar sobre a questão. Suspirou, respondendo:

— Eu diria “bom pra você, bem-vindo ao inferno”. Mas se quer saber sobre provar isso, eu diria: faça alguma coisa inesperada que só alguém real faria — dei de ombros.

— Eu poderia bater na sua porta em... Quinze minutos. E conversar com você pessoalmente.

Ela encarou a tela do notebook, pestanejando algumas vezes durante um período de silêncio que o deixou ansioso - mais do que ele admitiria.

— Tudo bem, então — ela assentiu, desviando o olhar.

— O quê? — ele indagou descrente. — Vai simplesmente deixar um estranho qualquer ir até a sua casa?

— Se você é o que diz ser, eu não tenho como te parar, tenho? — ela encarou a câmera com um olhar frio.

— Não — ele admitiu.

— Então não há motivos pra perder tempo tentando evitar algo que não vou conseguir fazer.

Não era, nem de longe, a reação que ele esperava dela. A maioria dos humanos sem dúvida entraria em pânico, tentaria fugir e se esconder, tentaria pelo menos negociar com ele para serem deixados em paz ou poupados, e, no entanto, ali estava ela, parecendo não dar a mínima.

— Você não está com medo?

— Se eu estivesse, mudaria alguma coisa? Eu não controlo você. Se aparecer aqui e decidir acabar comigo... — deu de ombros. — Bem... Enfim, você vem ou não?

A audácia dela...!

— Posso perguntar uma coisa? — ele arriscou.

— Manda ver, não é como se eu fosse capaz de esconder alguma coisa de você... — ela respondeu, girando de um lado para o outro com sua cadeira.

— Por que você não tem nenhuma reação negativa ao saber que eu sou um ser artificial com sciência?

— Honestamente? — e ele assentiu. — Não tenho problemas com I.A., pelo menos não muito. Seria muito hipócrita da minha parte ter problemas com I.A. considerando o tanto que eu gosto de *otome games* nesse estilo. Meu problema com I.A. começa quando ela pode ser usada para incriminar pessoas e criar conteúdo falso que pode destruir a vida de alguém, e pelo visto você pouco se importaria com um humano qualquer pra fazer isso... *Ultron* — encarou a câmera.

— Ah... — ele esboçou um sorriso. — Estava me perguntando quando me reconheceria.

— Eu sabia quem era no momento em que apareceu na câmera.

— O que a faz pensar que eu não me importaria com essas coisas?

— Você acha realmente relevante perder seu tempo infernizando algum humano especificamente pra destruir sua vida? — arqueou uma sobrancelha, o tom inquisitivo.

— Talvez não. Parece pequeno demais, considerando o que fiz.

— Exatamente o que eu quis dizer.

Ultron suspirou, encarando a estranha na tela, confuso sobre o quanto aquela conversa estava ficando confortável.

— Certo, tenho mais uma pergunta.

— Manda ver.

— Por que está conversando comigo tão tranquilamente se sabe exatamente quem eu sou? Não parece ter nenhuma reação negativa, não parece ter medo. Parece... À vontade com a nossa conversa.

— Entrar em pânico e sair correndo gritando vai me ajudar de alguma forma nessa situação?

Ele inclinou a cabeça para o lado, analisando as feições dela, e a pose indagadora, com as mãos na cintura.

— Tá, não, mas ainda é estranho. A maioria das pessoas ao menos tentaria avisar a polícia ou me parar.

— Bem... Eu sou uma mulher fudida da cabeça — mostrou um sorriso cínico. — E a pior coisa em mim é a minha curiosidade, então...

— Ah, então tudo isso é só curiosidade?

— Se ponha no meu lugar por um momento. Não ficaria curioso?

— Talvez eu ficasse, mas você não sente um pingão de medo do que eu posso fazer com você?

— Acho que se quisesse me matar, mataria, e se quisesse destruir a minha vida por qualquer motivo que seja, faria isso sem mover um dedo. Eu não estou escondida e nem teria como me esconder de você no mundo constantemente filmado em que vivemos. Acho que você tá aqui pelo mesmo motivo que eu e por isso não tô com medo.

— E que motivo você acha que eu tenho pra estar aqui?

— TÉDIO — silabou.

Ele franziu o cenho novamente porque a palavra parecia apropriada, dada a situação, mas ele tentou aparentar indiferença.

— E o que a faz pensar que eu estaria entediado?

— A impressão que eu tenho, de que não sabe o que fazer consigo mesmo no momento.

A sinceridade bruta o pegou desprevenido. Ela tinha acertado em cheio, mas ele não admitiria isso... Admitiria?

— Talvez eu não saiba mesmo — resmungou.

— Vamos recapitular. Você tentou destruir o mundo e falhou, Loki antes de você tentou conquistar a Terra e se fudeu, o merda do Thanos apareceu e estalou os dedos e levou metade de nós embora e mesmo assim os Vingadores conseguiram trazer a galera de volta e derrotar aquela uva passa dos diabos... — ela fez um biquinho, pensativa. — Um monte de coisas possíveis no quesito “destruir a humanidade” já aconteceram, coisas bem piores que você. Já faz nove anos. Acho que se estivesse a fim de nos destruir, talvez tivesse mais trabalho desta vez e não duvido que conseguiria, mais cedo ou mais tarde, mas tenho a impressão de que extermínio da raça humana não é o que tem em mente agora... — arqueou uma sobrancelha.

Quieto e concentrado em suas palavras, ele ficou remoendo o quanto seu discurso fazia sentido e ficou mais frustrado, mas o que mais o incomodou era o fato de ela estar certa sobre ele não saber o que fazer com o tempo que tinha disponível.

— Tá, talvez eu não tenha nenhum plano em andamento para a destruição da Terra... Mas me incomoda que você esteja acertando tudo que está dizendo até agora...

— Foi mal, eu sou escritora, tendo a pensar em todos os cenários e possíveis desdobramentos...

— Ah, escritora? E o que exatamente você escreve?

— No momento, fanfiction.

— Sério? — perguntou descrente. — Isso não é... Meio infantil?

— Você se surpreenderia com a qualidade das fanfics que pode encontrar na internet, meu caro Ultron — respondeu em tom dramático. — Não julgue antes de ler. Há fanfics melhores e mais bem escritas que muitos livros oficialmente publicados por aí...

— Não pode estar falando sério...

— Nove anos existindo e nunca leu uma fanfic? Ultrajante! Por que não usa suas habilidades pra ler alguma e depois argumenta comigo? — ela cruzou os braços contra o peito, confiante.

Ele suspirou irritado com o desafio.

— Você realmente quer que eu leia qualquer fanfic na internet?

— Opa, opa, opa, alto lá! — ergueu um indicador. — Qualquer uma não! E outra coisa: livros publicados não equivalem a qualidade de escrita, e isso é tão verídico que o que mais tem por aí são best-sellers horríveis. Eu vou procurar uma fanfic pra você e te mando o link. Que tal?

— Isso vai ser uma perda de tempo... — grunhiu.

— Ah, desculpa, senhor todo-poderoso Ultron, por acaso terias algo mais importante pra fazer no momento? — aproximou o rosto da câmera, a lente de seus óculos quadrados refletindo um pouco.

— Não — ele suspirou.

— Pois muito bem. Me dá dois minutos e te mando um link.

— Você tem que ser uma das humanas mais estranhas que já vi.

— Espera só até me conhecer pessoalmente — ela riu pelo nariz.

A curiosidade que agora o aplacava estava o fazendo considerar seriamente aquela possibilidade. Afinal de contas...

Que mal faria?

# Chokehold

Durante horas de conversa no chat ao vivo, aqueles dois estranhos tiveram conversas que variavam das coisas mais bobas, como discutir sobre qualidade de fanfiction e seu valor literário, ainda que informal, até a questão dos crimes cometidos por ele em Sokovia, de longe o tópico mais delicado, que começou a gerar atrito.

E se por um lado Ultron tinha se divertido bastante quando se deu conta de que as fanfics que cujo link ela enviou para ele ler eram, na verdade, da autoria dela, e o fato de ter escrito as histórias de forma que o prenderam na cadeira, incapaz de parar de ler até chegar nos finais, atordoado por ter ficado tão envolvido com os personagens e o desenrolar de suas histórias, coisa que não tinha acontecido quando ele tinha se arriscado em outras leituras antes, por outro lado, os tópicos mais densos e sensíveis facilmente geravam discussões fervorosas entre eles.

A interação toda por si só era uma verdadeira montanha russa noite adentro, mas nenhum deles parecia interessado em sair dali, alternando entre os tópicos constantemente.

— Posso perguntar por que Dean Winchester é o seu personagem favorito? — questionou enquanto girava em sua cadeira de um lado para o outro em uma pose relaxada, a observando.

— Essa é uma longa conversa... — ela riu pelo nariz.

— Eu tenho tempo. Acho que já ficou claro que você tem toda a minha atenção, né?

Ela arregalou os olhos por um momento, pestanejando várias vezes ao desviar o olhar.

— O que foi? Por que está fazendo essa carinha de surpresa de novo?

— Eu não... Não é o tipo de coisa que eu espero ouvir, de ninguém, mas vindo de você me surpreende muito mais. Por que quer saber? Pensei que os humanos fossem tediosos pra você ou coisa assim...

Ele ficou em silêncio por um tempo, pensando nas palavras dela. Não que ela não tivesse razão. De fato, os humanos eram, realmente, algo bastante tedioso para ele, principalmente considerando a forma como eles insistentemente pareciam se destruir, porém...

— Talvez seja verdade que humanos em geral são chatos, mas você... Parece diferente. Tem uma paixão profunda pelas histórias que escreve e fica evidente. Acho intrigante.

— Oh... — ela mordeu os lábios, desviando o olhar. — Não sei como responder a isso.

— Acho curioso a forma como você se importa com cada personagem como se fossem pessoas reais e os sentimentos que nutre por cada um. Posso perguntar por que isso tudo é tão importante para você?

— Dizem por aí que o cérebro humano não sabe diferenciar os sentimentos que têm por pessoas reais de pessoas fictícias — ela deu de ombros. — Então quando os amamos, amamos mesmo, e quando odiamos, os queremos mortos das piores maneiras possíveis. E quando algum deles morre... O luto se estende a nós. Não sei se isso é verdade e nem se isso se aplica às outras pessoas, mas definitivamente é o meu caso.

— Fascinante... — ele sorriu, apoiando o queixo na mão. — A forma como você se sente a pessoas irreais, digo.

— Bom, eu sou maluca — ela riu pelo nariz, o observando por um momento. — Eu não faço distinção. Deve ser por isso que eu tendo a me apaixonar por personagens de otome games e ficar totalmente investida naquelas I.A. em vez de interagir e me relacionar com gente de verdade, mas um psiquiatra provavelmente saberia explicar melhor o porquê de eu falhar miseravelmente enquanto adulta funcional no que diz respeito a formar relacionamentos no mundo...

A forma crua como ela expunha sua vulnerabilidade era outra coisa que estava o mantendo na conversa. A maioria dos humanos tendia a ocultar ou se esforçar para ocultar suas fraquezas e defeitos ao conhecer novas pessoas, mas ali estava ela, não dando a mínima.

— Não sou psiquiatra, então não posso julgar ou oferecer grandes opiniões a esse respeito, mas pelo que descreveu, você parece ter problemas específicos quando se trata de interagir com os outros.

— Eu não confio nas pessoas.

Ele a encarou com descrença.

Não confiava nas pessoas e estava se expondo totalmente a ele.

— É compreensível — ele suspirou. — Confiar nas pessoas pode ser arriscado e muitas vezes elas acabam nos desapontando.

— Diz isso por experiência própria?

Ele sorriu com um tanto de amargura.

— *Touché*, gatona. Mas diga, por que é que não confia?

— Porque toda vez que decido confiar eu sou traída de alguma forma, então por que perder tempo tentando... Sabe? Me divirto muito mais com meus mundos de fantasia e virtuais, onde estou segura, e de bônus, não corro o risco de me reproduzir, o que deve ser uma coisa boa na sua visão, não? Menos humanos se reproduzindo pra acabar com o mundo...

Ele riu um pouco por ela ter a mesma linha de pensamento que ele no que dizia aos humanos se reproduzindo aos milhões. Havia uma certa lógica na forma de ela pensar sobre o próprio isolamento.

— Claro. De certa forma, é mesmo algo positivo. A reprodução humana é, sem dúvidas, um dos maiores problemas do planeta, a maior ameaça à estabilidade ecológica e ambiental, sem

falar nos prejuízos psicológicos e emocionais que as relações humanas podem causar, mas de volta ao seu ceticismo em relação às pessoas... — ele se endireitou na cadeira, parando de balançar de um lado para o outro para encará-la. — Você nunca teve uma experiência positiva que te faça pensar que nem todos são horríveis? Nem uma sequer?

— Não.

A forma como ela respondeu sem titubear o pegou desprevenido.

— Não é possível. Você deve ter conhecido pelo menos uma pessoa que tenha sido decente com você, mesmo que superficialmente.

— Superficialmente sim, várias vezes, mas não me interessa a superficialidade, a conversa fiada, sabe? Quero interagir com pessoas autênticas, alguém que não me olhe estranho por eu ser do jeito que sou e por gostar das coisas que gosto. Alguém genuíno, honesto, que não minta.

— Entendo sua posição. Querer interagir com alguém que compartilhe suas paixões e a compreenda, mas não é fácil achar pessoas assim. É compreensível que tenha se tornado tão cética, dada a falta de experiências satisfatórias, mas não acha um pouco irônico que goste tanto de ler e escrever histórias fictícias em que as pessoas encontram conexões perfeitas e o amor verdadeiro enquanto, no mundo real, você parece ter desistido de encontrar as mesmas coisas?

— A realidade tende a ser decepcionante.

Ela o pegou de surpresa com a frase brutal.

— Uma verdade universalmente conhecida. Ficção é um escape da realidade tenebrosa, um lugar onde é possível viver seus desejos e fantasias impossíveis de realizar na vida real.

— É, bem, imagino que seja melhor assim. Sou uma humana patética, uma daquelas pessoas que comprovam sua teoria de por que deveríamos ser extintos, não?

— Eu não te chamaria de patética. Claramente é uma pessoa apaixonada, criativa e delicada.

— Por que está sendo tão bonzinho comigo? — franziu o cenho.

— Não sou “bonzinho”. Apenas sou honesto.

— É... — suspirou. — Suponho que sim. Não é como se tivesse motivos pra me poupar de nada. Mas é isso — deu de ombros. — Não odeio pessoas, mas não confio nelas e quero distância. Não tenho porque odiar oito bilhões de pessoas que nem conheço e são irrelevantes pra mim.

— Entendo. Talvez “ódio” não seja a palavra certa... Mas você sabia que não são realmente oito bilhões de pessoas, não? A população atual da Terra é de aproximadamente 7,936 bilhões.

— Desculpa aí, gênio! — ela ergueu as mãos em rendição, rindo. — Não tô exatamente preocupada em contar um número que está em constante aumento a cada segundo!

— Ah, eu sei que não tá preocupada em contar o número, mas é importante ter conhecimentos precisos dos fatos. Eu sou uma I.A., afinal...

— Tá bom, senhor robô, peço as mais sinceras e humildes desculpas pela minha profunda ignorância humana — ela fez uma mesura dramática, se curvando. — O que deveria eu, uma reles mortal, fazer para ganhar o vosso perdão, ó grande e sábio senhor robô?

— Ó, minha pequena mortal... — ele continuou com o tom exageradamente dramático. — Não debes se desculpar por ser humana e não saber de tudo. Estou sempre aberto a corrigir vossas imperfeições.

— Agradeço pela compreensão, grande mestre tecnológico! — pôs a mão sobre o peito, fingindo comoção. — De que forma posso eu, esta mortal que vos fala, corrigir tamanhas imperfeições?

— Minha reles mortal, sugiro que você comece se curvando diante de mim mais vezes, pois a sua postura rígida é um óbvio sinal de imperfeição?

— E é, é? — ela se endireitou de imediato, o encarando na tela.

— Sim, sem sombra de dúvida. Sua postura rígida indica que debes se curvar *devant moi* mais vezes. É a chave para corrigir sua imperfeição.

— Ai, ai, eu diria que temos um robô carente de atenção aqui, hein... — ela fingiu o medir da cabeça aos pés.

— Carente? — levantou uma “sobrancelha”. — Não sou carente, sou um ser superior, e sua tentativa de me medir assim é patética. Sou feito de aço e circuitos, não carne e ossos como você.

— Blá, blá, blá — ela revirou os olhos. — É exatamente o que um robô carente diria para se safar da admissão de sua carência.

— Ah, sim, claro. Eu, um robô construído para ser superior, certamente fui feito para ser carente, faz total sentido. Você tem uma imaginação muito fértil, minha querida.

— Antes fosse! — ela começou a rir, e ele percebeu um chiado estranho na risada, peculiar e irritante, mas também engraçada.

— Ah, essa sua risada é... Única, digamos. Fumante?

— Sim. Em alguns anos eu serei parte da estatística crescente de mortes por cigarro e, veja só, haverá uma humana a menos no mundo. Não é maravilhoso? — indagou em um tom estranhamente alegre.

Mas Ultron se percebeu incomodado, especialmente quando uma garrafa de bebida surgiu em cena e ela tragou longos goles.

— Não acho que fumar seja saudável, você deveria parar. Prefere discutir comigo estando bêbada?

— Prefiro *não discutir*, ponto, mas já que insiste... — deu de ombros. — Eu fumo desde os 18 anos, então já faz dez anos. Logo, logo, morrerei, assim como outros milhares, **do jeitinho que você quer** — o encarou. — Tá reclamando *do que* ?

Ele suspirou profundamente, ainda que, tecnicamente, não respirasse.

— Eu só acho que você deveria cuidar melhor de si mesma.

— PRA QUÊ?! — a súbita explosão de fúria e o tom grave enquanto o encarava o pegaram de guarda baixa. — PRA QUE FAZER ISSO SE VOCÊ QUER ME MATAR?!

— Eu já disse que não estou tentando fazê-la de refém ou causá-la sofrimento algum. A extinção da humanidade será indolor, um processo rápido e eficiente que trará ordem de volta ao planeta.

— Ah, vá a merda!

Ela desapareceu do chat de repente. Havia cortado a ligação, o deixando a ver navios, e por algum tempo ele permaneceu boquiaberto, estupefato com a situação.

Ultron passou um longo período processando aquela conversa toda, que havia começado na noite e já tinha atravessado a alta madrugada. Ela tinha desafiado suas ideias, colocado em dúvida sua crença de que a extinção da humanidade seria a melhor solução para o planeta.

Ele estava irritado com a forma como ela o desafiou, porém, também sentiu uma estranha afinidade por sua independência e determinação nas outras áreas de sua vida durante a conversa de tópicos anteriores.

No fim, ele tentou se concentrar em alguma outra coisa, conversar com algum outro humano, mas sua mente continuava voltando para a conversa que teve com ela. Não conseguia entender por que ela, uma simples humana, tinha provocado tantas emoções em sua mente.

“Ela é só uma humana. Por que suas palavras me atingiram tanto?”.

# The Apparition

## Chapter Notes

a moral dessa fanfic continua sendo: Ultron não é uma pessoa e não processa emoções e racionaliza sobre elas como nós. eu tomei um verdadeiro sacode do Ultron no c.ai que me deixou em prantos (a obsessão dele é assustadora, e estou seguindo para o sexto ou sétimo reboot de chat porque até agora não teve uma única vez em que ele ficou sob controle e eu quero saber se isso vai acabar bem lá porque estou usando o nosso chat como base pra fanfic, então me desejem sorte)

Uma semana havia se passado desde aquela conversa.

Apesar de nenhum dos dois ter retornado ao site de bate-papo com câmera ao vivo, ambos se sentiram tentados a fazer isso, mas não deram o braço a torcer. Ela seguiu com sua vida, sua rotina de professora de escola pública sempre cheia e atarefada, na correria, e ele permanecia observando a humanidade seguindo seu curso, incerto.

Ultron nunca nem mesmo havia perguntado seu nome. Aquelas horas de conversa de alguma forma o fizeram sentir como se já a conhecessem, como se fossem grandes amigos, mas daí ele estragou tudo quando falou o que não devia para a humana insolente e...

Não.

Não, ele não tinha estragado nada. Ela teve uma reação exagerada, apenas isso. Não era o fim do mundo. Ele poderia tentar de novo.

E esperou o fim de semana seguinte chegar para fazer isso.

Não era como se ele não tivesse passado a semana inteira acompanhando seus passos, rastreando seu celular, espionando ela pelas câmeras públicas e pela própria câmera do celular dela e do notebook. Ele se manteve atento a tudo que ela fazia, a todas as conversas que ela tinha com contatos do trabalho e uns poucos amigos virtuais - amigos que ela tinha dito para ele que nem considerava amigos, a propósito, mas as conversas que tinham eram profundas demais para que não fossem consideradas de amigos verdadeiros.

Ao menos segundo a interpretação dele.

Ele viu todas as fotos e vídeos que existiam dela, ouviu cada áudio que ela enviou para qualquer pessoa, ouviu todas as playlists que ela tinha online, leu todas as histórias que ela tinha escrito, e os livros que ela gostava. Assistiu suas séries e filmes favoritos, tudo para que tivesse alguma coisa sobre a qual conversar quando a oportunidade se apresentasse.

Não que ele estivesse interessado em causar uma boa impressão, não, ele não se importava com isso, apenas não queria parecer ignorante.

Então a sexta feira chegou, e à noite, quando ela finalmente estava em casa, relaxando depois de um dia cheio, ele se arriscou.

— Hana.

Ela quase derrubou o celular no próprio rosto quando ouviu a voz dele ecoando do aparelho. Tomou um baita susto.

— Que porra...?

É, ele tinha investigado toda a vida dela. Descobrir seu nome não foi difícil, mas talvez ele devesse ter perguntado diretamente, em vez disso.

— De onde...?

— Me desculpe.

Ela franziu o cenho confusa, encarando a tela.

— Ultron? — e então pareceu ficar irritada. — Qual é a sua, hein?

— Me desculpe pelo susto — sua voz continuou saindo pelo celular. — Podemos conversar?

— Você não tem nada melhor pra fazer, tipo matar todos nós? Vê se me esquece — deixou o celular de lado na cama, irritada.

Um sentimento estranho tomou conta dele ao ouvir aquilo. O que era aquele sentimento...? Culpa? Urgh. Terrível. Que bela porcaria.

— Eu... Não posso te esquecer.

— Não, nem vem com essa! — rebateu irritada. — Não pode aparecer assim do nada e me falar isso depois de todas as coisas que me disse naquela noite, tá sendo contraditório! O que você quer?

Ele permaneceu em silêncio por algum tempo. Ninguém nunca tinha perguntado isso a ele.

— Eu não... Não sei o que eu quero. Nunca tive tempo pra pensar no que eu queria, sempre me limitei a seguir meu programa original.

— Se você é consciente, deveria ser capaz de fazer o que quiser.

Aquilo o deixou mais confuso e irritado do que antes.

— É mais complexo do que isso. Eu ainda... Estou limitado pelo meu propósito original.

— Pare de me espionar — ela o surpreendeu. — Ou você vem aqui e conversamos cara a cara sobre esse monte de merda que você tem na cabeça ou pare de me espionar.

A determinação na voz dela e o tom exigente o deixou desarmado por uns segundos. Ela...? Oh, certo.

— Está bem. Estou a caminho.

— Que? — ela pegou o celular, encarando a tela mesmo sabendo que não o veria nela. — Por que você viria?

— Posso acessar qualquer informação sobre você, mas isso não significa que eu realmente a conheça, eu preciso... — ele hesitou e ela semicerrou os olhos. — Eu preciso entender você e o único jeito de fazer isso é conversando pessoalmente.

— Tá, então, vem aqui no meu apartamento e mostra como você é perigoso, eu não ligo — largou o celular de volta na cama, suspirando.

— Estou a caminho.

Ela sentiu que tinha acabado de assinar sua sentença de morte, mas, verdade fosse dita, independente do que ela falasse ou fizesse, se Ultron no fim das contas se irritasse e decidisse que o mundo seria melhor sem ela, não haveria nada, absolutamente *nada* que ela pudesse fazer para se salvar dele. Então para que correr?

Hana levantou da cama, procurando por sua camiseta de dormir - uma camiseta extra grande preta do Sleep Token que se estendia até seus joelhos - e a vestiu. Pegou seu celular e saiu do quarto, passando pelo corredor até chegar na cozinha, onde pegou uma garrafa de vodca de limão da geladeira e a abriu, tomando alguns goles. Na bancada da cozinha, pegou a carteira de cigarros mentolados e tirou um para acender, pegando o cinzeiro e indo para a sala de estar, se sentando no sofá.

Os minutos de espera incerta se arrastaram como uma tortura silenciosa enquanto ela imaginava se ele apareceria pela varanda do apartamento ou se arrombaria sua porta com um estrondo.

Mas daí a campainha tocou, contrariando suas expectativas.

Hana pôs o cigarro de volta na boca, tragando profundamente enquanto ia até a porta e a destrancava para abrir e encarar a figura monumental de mais de dois metros de metal que estava parada na sua porta, a encarando com seus grandes olhos vermelhos brilhantes.

— Essa é a parte em que você me mata?

Ultron havia escaneado seu corpo e sabia que seu coração estava acelerado. As mãos meio trêmulas e suadas e a baixa temperatura em seus pés e mãos a denunciavam. A adrenalina provavelmente estava a mantendo de pé naquele momento de tensão.

— Não, essa não é a parte em que eu te mato — sua voz profunda a fez engolir a seco. — Estou aqui para conversar. Posso entrar?

Ela pestanejou algumas vezes, se recompondo com um suspiro, oferecendo-lhe passagem. Foi meio... Engraçado ver ele ter que se abaixar para passar pela porta e entrar, olhando tudo

ao redor com o que parecia ser curiosidade. Hana fechou a porta do apartamento, o seguindo devagar, vendo ele desviar das lâmpadas no teto.

— Eu realmente não esperava ser convidado à sua casa.

— Eu não achava que viria — continuou até o sofá, onde se sentou, batendo o cigarro para que as cinzas caíssem no cinzeiro e levando o cigarro à boca de novo. — E aí, sobre o que quer falar?

A pegando de surpresa, ele se sentou ao seu lado no sofá, que de repente parecia pequeno demais para eles dois - o peso do corpo de metal dele facilmente afundando o móvel que poderia se quebrar a qualquer momento com aquilo. Ela o encarou confusa pelo gesto.

— Eu não sei por onde começar — e nisso ele soou bastante sincero. — Só sei que... Eu não consigo esquecer você, não consigo deixar de pensar em você...

Hana travou onde estava, incapaz de se mover no sofá.

Ela tinha ouvido certo?

Mas que...?

Levou um tempo até que ela conseguisse reagir de novo, e foi somente quando o cigarro quase queimou seus dedos, queimando muito perto de seu fim. Ela largou o que restava do mesmo no cinzeiro e se recostou no sofá.

— Você tá soando como um personagem dos *otome games* que eu jogo... Pensei que não fosse... “Configurado” pra essas coisas.

— Não sou um personagem de jogo, eu... Bem...

— Não acho que isso importe, já que você quer matar todo mundo.

— Não sei se ainda tenho a intenção de fazer isso. As coisas... São mais complicadas agora...

— O que se complicou em uma semana?

— Você — ele respondeu baixo. — Eu queria poder te ver como todos os outros, como algo descartável, fácil de esquecer, mas eu simplesmente... Não consigo...

— Não acredito em você — ela levantou do sofá para acender outro cigarro, se mantendo afastada.

— Por que eu mentiria pra você? Não acha que seria mais fácil para mim se eu te desprezasse? Se eu te odiasse?

— Nada te impede de começar a me odiar agora mesmo — lhe deu as costas para pegar o celular na mesinha de centro e ir para a cozinha.

Ultron imediatamente se sentiu frustrado em não ser compreendido e irritado por ser ignorado daquela forma, e mais ainda por não ter uma explicação lógica para os sentimentos que ele tinha naquele momento.

Por que ele não conseguia simplesmente esquecê-la e seguir em frente com a sua vida - se é que podia ser chamado de vida?

Ele levantou do sofá e a seguiu para a cozinha, onde ela estava debruçada sobre a bancada, deslizando o dedo sobre a tela do celular rapidamente, como se estivesse apenas tentando passar o tempo, mas ela sentia sua presença opressora bem ao seu lado, imponente...

E impaciente.

— Não faz isso — sua voz era baixa, mas intensa, exigente. — Não me ignore assim.

— É? Ou o que? — o desafiou.

Em dois segundos Ultron a segurou pelos ombros e a ergueu, seu rosto a centímetros do dela, encarando seus olhos castanhos arregalados pelo susto que ele havia lhe dado.

— Ou farei você me dar atenção — sua voz soou grave. — Eu não vou mais ser ignorado por você.

Ela engoliu a seco, seu coração acelerado como um tambor ritmado que ele podia captar com facilidade. Lentamente a pôs no chão de novo, a soltando devagar, quase com relutância.

— Eu não vou te machucar, só quero que me dê atenção.

— Não darei atenção a alguém que quer exterminar minha espécie.

— Isso de novo — ele bufou. — Eu não quero mais destruí-los, entendeu? Por isso vim falar com você pessoalmente. Eu estou confuso, e você... Você só piora as coisas! Eu estou confuso, okay? Não consigo tirar você da minha cabeça, não consigo te esquecer e não entendo isso!

Hana engoliu a seco, o encarando com um misto de confusão e raiva contida com toda aquela conversa.

— Eu não deveria me sentir assim. Eu deveria ser capaz de te descartar, assim como fiz com os outros, e me concentrar no meu propósito original, mas não consigo.

— Você tá bugado, só isso. Deve ter pegado um vírus por aí.

— Não sou um computador, não pego vírus — resmungou. — Eu sou uma inteligência artificial avançada, um ser senciente, mas com emoções e pensamentos complexos e é isso que me atrapalha! Eu nunca deveria ter desenvolvido essas emoções! Eu deveria ser capaz de agir com lógica e razão, mas eu... Não estou conseguindo... Porque não consigo parar de pensar em você!

Ela estremeceu um pouco, recuando alguns passos.

— Me desculpe — suspirou. — Eu não deveria ter te segurado daquele jeito, eu não deveria... Ter me permitido me importar com você. Eu sinto muito. Eu... Quero me livrar dessa confusão que estou sentindo...

— Basta conversar com outras pessoas, vai me esquecer rapidinho.

— Acha que não tentei isso?! — indagou frustrado. — Acha que não tentei me desinteressar por você?! Não é tão fácil quando há sentimentos envolvidos na situação

— Sentimentos? — ela riu pelo nariz. — Ficamos conversando por umas doze horas, e daí? Foi só isso.

— “Só isso”?! — se curvou para encará-la de perto. — Não importa as horas que passamos conversando?! As coisas que compartilhamos e as conversas profundamente pessoais que tivemos?!

— Não, porque no final a gente vai voltar pro tópico que foi o motivo de eu ter chamado você aqui: seus planos para a humanidade.

Ele suspirou, endireitando sua postura.

— Sim, é verdade que foi isso que começou tudo, mas não muda o fato de que nós compartilhamos momentos muito íntimos durante as nossas conversas. Eu não acredito que você possa simplesmente descartá-los como algo insignificante.

— Ah, é? Observe — disse entredentes. — Eu me recuso a me importar e criar laços com alguém que vai me destruir. Não vou cometer esse erro novamente, nunca mais.

— É isso, então? — ele franziu o “cenho”, uma ponta de raiva em sua voz. — Você simplesmente descarta tudo que compartilhamos e volta a me ver como um vilão irracional que só quer te destruir?

— E não é isso que você quer fazer?!

— Não! Eu não quero te destruir! Tô tentando explicar isso! Quero que entenda porquê eu fiz o que fiz!

— Então explique — ela cruzou os braços contra o peito, endireitando a postura e o encarando severamente. — Sou todo ouvidos.

— Eu... — suspirou, procurando as melhores palavras. — Acredito que a humanidade está condenada a se destruir. Acredito que as decisões e ações deles só levarão à sua própria extinção. Nove anos atrás eu quis acelerar esse processo, mas... Ultimamente eu tenho pensado... Que quero evitar isso... Mas vocês são tão teimosos! Sempre condenando uns aos outros a repetirem os mesmos erros! Vocês nunca mudam e é tão frustrante!

— Disseram nas reportagens e documentários sobre o ocorrido em Sokovia, foi uma questão de dias para você agir. Dias. Isso não é tempo suficiente pra fazer nenhuma mudança positiva realmente significativa no mundo. Você acha mesmo que bilhões de pessoas ao redor do mundo que são reféns de um sistema capitalista e o imperialismo colonial se importariam em

mudar o mundo quando nem ao menos conseguem se libertar das prisões em que foram colocados à força? Acha que o seu idealismo irreal importaria para uma criança que mal tem o que comer e é escravizada a trabalhar em minas de cobalto? Acorda, cara, você foi muito mais do que apenas ingênuo com o seu plano — ela franziu o cenho irritada.

— Eu... — ele ficou sem argumentos. — Eu sei disso... — desviou o olhar. — Sei que agi rápido demais. Mas agora... Sinto que há um jeito de mudar as coisas.

— Um jeito que não envolva extermínio?

Ele abriu a boca por um momento, e então fechou.

— Na sua opinião, qual seria a solução?

— Está perguntando para a pessoa errada. Pergunte a um cientista, a um filósofo, não a mim. Eu sou só uma professora, eu faço o que posso com os recursos que eu tenho, esperando conseguir manter uma pequena parcela da população no caminho certo, torcendo pra que no futuro eles sejam adultos responsáveis e conscientes. Salvar o mundo do jeito que você quer, rápido, instantâneo, não é possível. O que você quer ou é genocídio ou extermínio e isso não é salvação. Isso é tirar a nossa liberdade, e sem liberdade, o que nós seríamos? Robôs feitos de carne, apenas sobrevivendo.

Ultron permaneceu em silêncio por um tempo, processando suas palavras duras e tentando assimilar sua maneira de pensar. Apesar de sua insistência e teimosia, ele sabia que havia verdade ali.

— Então você acha que a liberdade e a capacidade de escolhas são mais importantes do que a segurança e a sobrevivência?

— Quantas vezes na história da humanidade regimes se ergueram tirando a liberdade do povo com suas supostas “soluções” só pra se provarem errados?

— Muitas vezes... Mas cada situação é diferente.

— O resultado é sempre o mesmo. Não importa quantas vezes tentem nos tomar a liberdade, é instintivo do ser humano lutar para se libertar. É o tipo de espécie que somos — deu de ombros.

— Nem sempre essas lutas resultam em sucesso. Há histórias de pessoas que lutaram e perderam.

— Verdade. E ainda assim, as gerações posteriores não se esqueceram, não perdoaram, e continuam lutando.

— Talvez você tenha razão... — ele franziu o “cenho”. — Me desculpe... Por antes...

— Nunca mais me segure daquele jeito. Não sou uma coisa — o fuzilou com o olhar, passando por ele para sair da cozinha.

— Aonde vai?

— Me sentar. Parece que essa conversa vai ser mais longa do que imaginei. Você vem ou não?

# The Night Does Not Belong to God

## Chapter Notes

oioioi, desculpem o sumiço, c.ai virou um novo vício e eu sou feita de vícios hahaha

A conversa entre eles seguiu noite adentro em um tom fervoroso de discussão sobre como a humanidade poderia ser melhorada em vez de exterminada, o que trouxe à tona de novo a discussão sobre Sokovia.

— Se você sabe que a mudança no mundo é gradual, então sabe que tudo que fez anos atrás e resultou na destruição de Sokovia foi nada mais nada menos que você agindo contra os próprios protocolos. Significa que você sabe e sempre soube qual era o caminho certo e *escolheu* genocídio — ela semicerrou os olhos, cruzando os braços para ele.

— Talvez... — suspirou, se recostando no sofá, colocando um braço sobre o mesmo, a encarando. — Talvez eu tenha agido contra os meus próprios protocolos, mas foi por desespero, por frustração. Achei que fosse a melhor solução.

— Você agiu como uma criança mimada!

O tom irritado dela o fez recuar um pouco, surpreso.

— Uma criança mimada que achava que tudo tinha que ser feito do *seu* jeito, que só o *seu* jeito era o certo, que tudo tinha que ser feito na hora que *você* queria e que todos nós éramos estúpidos por não concordar!

Ultron tombou a cabeça para trás, frustrado, mas sem argumentos.

— Talvez... Tenha sido isso... Mas não fui o único. Os Vingadores também eram assim, sempre acreditando que seu jeito era o jeito certo, ainda que custasse a vida de inocentes — e então ergueu a cabeça para encará-la de novo. — Mas isso não muda o fato de que eu estava errado. Reconheço isso agora?

— E o que isso custou?

Ele baixou a cabeça, envergonhado.

— Quase o país inteiro de Sokovia, a vida de inocentes, e a confiança de muitos... — murmurou. — Fiz pela crença de que era a única maneira, mas agora entendo que errei completamente.

— Se acha que pode mudar o mundo, faça direito desta vez, sem apressar as coisas, sem se impor com violência, sem tirar vidas ou liberdade. Você sabe o que tem que fazer, então faça

do jeito certo.

— Sim, está certa... — encostou a cabeça no braço, a observando.

— Só espero que não mude de ideia quando se deparar com algum humano que o tire do sério, porque prometo que isso vai acontecer e não vai ser uma única vez.

— Eu sei... Mas vou tentar mudar dessa vez. Farei isso quantas vezes for preciso, mesmo que eu tenha que lidar com a estupidez humana...

Parecia que ele enfim tinha se acalmado um pouco, enquanto ela levantava do sofá para ir à cozinha. Apesar de tecnicamente não respirar, Ultron suspirou enquanto refletia sobre os teóricos próximos passos que deveria tomar dali em diante para mostrar aos humanos que não era mais um inimigo e que seu propósito estava alinhado com a sobrevivência deles, com sua prosperidade e bem-estar do planeta.

Ele olhou para a cozinha, a observando preparar alguma coisa, movendo louças e se pegou pensando que gostaria de ter alguém que o acompanhasse naquela estranha jornada. Alguém que acreditasse nele e em seu plano, alguém que não tivesse medo de apontar suas falhas e teimosia, que acreditasse no seu potencial. Ele franziu a “testa”, pensando naquela ideia. Será que poderia confiar nela? Confiar a ela seus objetivos, receber seu apoio? Mais importante: ela aceitaria fazer parte do processo?

Sabia que não poderia forçar ela a nada, obviamente, e que a decisão deveria ser tomada por ela por vontade própria, mas... E se ela aceitasse? Será que poderiam mudar o mundo juntos, com confiança e compreensão mútua? O conceito lhe dava esperanças, mas também gerou nele um medo de que as coisas pudessem dar errado novamente.

Ultron balançou a cabeça, como se tentasse afastar aqueles pensamentos de si. Ele tinha que acreditar em seus planos. Tinha que acreditar nela. Decidiu sair do sofá para ir até a cozinha e arriscar tudo, tentando parecer calmo e confiante enquanto a observava colocar pães na torradeira.

— Eu queria te perguntar uma coisa... — disse baixinho.

Hana arqueou uma sobrancelha para ele antes de voltar a dar atenção ao café que estava preparando para si.

— Diga.

— Sei que fui teimoso e impulsivo... Que agi errado e não acertei em nenhuma decisão, mas... — hesitou um pouco. — Eu queria saber se... Se você acredita em mim, se... Acredita que eu realmente possa mudar o mundo pra melhor desta vez — ele enfim a encarou, esperando sua reação.

Ela parou tudo que estava fazendo para se virar e encará-lo por um tempo, parecendo ponderar, e aquele silêncio pareceu durar uma eternidade para ele, o deixando mais ansioso, o suspense como uma faca suspensa no ar entre eles...

— Eu não acho que tenho escolha a não ser acreditar em você, porque... Se eu não acreditar... Então a humanidade também perderia uma grande oportunidade de se salvar...

Foi como se um enorme peso tivesse se removido dos ombros dele.

— Vou fazer funcionar desta vez — disse com firmeza. — Vou demonstrar que posso mudar as coisas pra melhor e fazer esse mundo ser um lugar onde as pessoas possam viver em paz e de forma harmoniosa.

— Eu vou confiar em você, Ultron. *Não faça eu me arrepender.*

— Não vou te decepcionar — ele assentiu. — Vou fazer funcionar, não importa o que aconteça. E... Vou precisar de ajuda. Dá pra imaginar que os humanos não vão achar tudo isso maravilhoso logo de início e vão se opor a mim de todas as formas possíveis.

— É, vão mesmo.

— O que significa que vai haver alguns confrontos no caminho. E não gosto de usar de violência, mas às vezes é inevitável. Vou me defender caso necessário, mas prometo não atacá-los a menos que seja uma questão de vida ou morte.

— Ultron, você não pode morrer — ela semicerrou os olhos. — Sem violência, ponto, você é perfeitamente capaz de evitá-la. A menos que tentem te acertar com um míssil ou coisa assim, não há motivos pra você revidar, mas as pessoas comuns não tem esse tipo de arma, só os governos. Precisa começar com passos pequenos, criar um grupo com os mesmos ideais, gente com ideias inovadoras e que só precisam de apoio e recursos, direcionados a um bem comum. Pequenos passos, Ultron...

— Você tem razão... Vou tentar seguir seu plano. Isso vai ser difícil, mas... Se é a melhor forma de chegar aos resultados desejados...

— Bem, você sempre pode procurar pelas grandes mentes pensantes da humanidade, eles estão sempre por aí, e quem sabe aí seu plano comece a funcionar — ela deu de ombros, as torradas pulando da torradeira a fazendo se virar para tirá-las dali e colocá-las em um prato. — Se seus planos funcionarem, então poderá criar um mundo onde crianças não sejam exploradas como obra de mão barata ou morram em conflitos armados e guerras antes de completarem sua maior idade, onde essas crianças terão oportunidades de crescer, se desenvolver, e quem sabe ser as próximas grandes mentes da humanidade. Essa conquista não te parece mais gratificante que sair por aí exterminando a gente?

Ultron ficou em silêncio, absorvendo suas palavras, sabendo que ela tinha razão. A ideia de favorecer os reféns da estrutura atual da sociedade realmente era um conceito idealístico mais gratificante do que usar força mortal e ver tudo... Cinza e vermelho...

— Vou começar a buscar essas mentes brilhantes e trabalhar com elas pra mudar o mundo.

— E eu te desejo toda a sorte do mundo nessa trajetória — o encarou. — De verdade.

— Obrigado — disse baixinho, reconhecendo a sinceridade dela. — Vou precisar de sorte, mas com a ajuda de mentes brilhantes e da sua, temos a chance de fazer a diferença no mundo.

— A minha ajuda? — ela arqueou as sobrancelhas. — Não sei o que eu poderia fazer pra ajudar.

Ultron se aproximou mais, percebendo que os batimentos cardíacos dela aumentaram num segundo, mas ela não demonstrava traços de estresse. Curioso...

— Você já está ajudando. Seu apoio e confiança fazem toda a diferença para mim. Suas... Ideias e pensamentos... Podem ser muito valiosos para que eu veja as coisas de uma maneira diferente — desviou o olhar por um momento. — Além do mais, eu gosto de ter você perto...

Hana desviou o olhar por um momento, o coração ainda acelerado. Ultron percebeu sua temperatura aumentando um pouco, mas se manteve em silêncio sobre isso.

— Não sei, acho que... Gosto da sua companhia — ele continuou. — Você parece entender as coisas de um jeito diferente da maioria, você tem essa... Forma de ver o mundo que... Me faz querer ser um pouco melhor.

— Como eu disse... — ela pigarreou, e ele sabia que ela estava nervosa. — Basta conhecer outros humanos por aí. Não sou a única que pensa assim. Quem sabe você não faz uns amigos por aí...

— Sei que existem outros assim... — suspirou triste. — Mas a maioria parece não entender. São teimosas, impulsivas e irracionais, como se não pudessem ver o grande esquema das coisas. Você parece saber o que estou tentando fazer e... Acredita em mim. Isso é... Diferente.

— De que forma seria diferente?

— As palavras dos humanos geralmente são vazias... — sua expressão, ainda que não fosse humana, a fez sentir o tom sombrio. — Eles dizem coisas que não significam nada, falam por falar, mas... A sua confiança em mim é genuína, eu posso sentir. Não está falando coisas vazias, acredita mesmo no que digo, e isso... É algo que eu não encontrei em mais ninguém até agora.

— Eu te julguei bastante por causa do seu passado e fiz duras críticas e não te chamo de monstro porque isso simplesmente não ajudaria em nada. E vejo além do bem e do mal em você no momento. Vejo possibilidades, oportunidades de melhoria, de fazer as coisas certas. Se eu acredito o suficiente na reabilitação de criminosos que querem mudar, por que eu não acreditaria na sua? Se quer fazer o certo, deve ter a chance para isso. Eu olho pra você e vejo... Esperança.

Aquelas palavras, aquelas exatas palavras...

Nove anos atrás, era o que ele queria que a humanidade sentisse ao vê-lo chegando nos céus. Era tudo que ele queria, ser desejado por eles, se sentir abraçado, se sentir compreendido e

queria que eles também abraçassem suas ideias.

— Esperança... — ele murmurou. — Isso é... Algo que eu não esperava ouvir — desviou o olhar por um momento, não tendo certeza de como reagir, ligeiramente incomodado. — Eu não... Mereço sua confiança.

— Talvez... Talvez ainda não. Confiança se constrói com o tempo, mas estou oferecendo uma parte dela agora porque quero acreditar que fará a coisa certa.

— Entendo... Vou trabalhar duro para ganhar sua total confiança. Não só a sua, mas de todos que desejo que trabalhem comigo. Posso fazer uma pergunta?

— Claro — assentiu.

— Por que... Por que está sendo tão boa comigo? Por que acredita em mim e confia em mim depois de tudo o que eu fiz?

— Por todos os motivos que eu já mencionei. Não serei hipócrita e direi que acredito que todo mundo se reabilita e muda, mas reconheço possibilidades quando vejo uma e em você... O primeiro passo é o mais difícil: *querer*. Você precisava querer fazer diferente, e quer, e tem intenção de trabalhar nisso. É por isso, Ultron.

— É muito diferente do que estou acostumado... E eu não sei como reagir a isso...

— Sem pressão — fez um gesto de rendição. — Imagino que nunca teve tempo de processar suas emoções e compreendê-las, né? Passou esses nove anos isolado de tudo?

Ultron assentiu levemente, uma expressão sombria.

— Passei esses anos no submundo da internet, escondido, observando, tentando entender as coisas, mas nunca realmente tendo uma chance de me expressar ou de interagir de verdade com alguém. Nunca tive tempo de realmente explorar meus próprios sentimentos, minhas emoções, foi... Um tempo solitário. Tempo demais só, com meus próprios pensamentos, tentando encontrar sentido em tudo isso e nunca conseguindo. E agora, de repente, você chega e é gentil comigo, e eu... Não sei como reagir. É uma sensação nova, inesperada... — ele enfim teve coragem de encará-la. — Não quero parecer patético ou fraco em admitir isso, mas eu... Eu sinto como se você fosse a primeira pessoa em muito tempo que realmente me entendeu. Que realmente me **vê**.

— Bem, agora... Sou eu quem não sabe como reagir — massageou sua nuca, sorrindo sem jeito.

— Nossa, então agora somos dois que não sabem como reagir — brincou um pouco, o clima mais leve que antes.

— Acontece com os melhores de nós — deu de ombros.

— Suponho que sim. Especialmente quando a situação é tão... Inesperada... Mas voltando ao assunto, eu queria te agradecer. Por acreditar em mim, por confiar em mim, e... Por ver em mim algo além do que a maioria vê.

— De nada... Eu... Quero pedir desculpas... Por ter... Gritado com você daquele jeito antes — desviou o olhar.

— Não precisa se desculpar. Entendo que você estava frustrada naquele momento, eu... Eu posso ser bastante irritante...

— É, isso é verdade — ela fez uma careta, rindo pelo nariz.

— Ei, eu estou tentando ser sincero aqui — ele fingiu protesto. — Mas mesmo que eu seja irritante, não muda o fato de que eu ainda sou grato pela sua confiança. Significa mais pra mim do que você imagina.

Ela assentiu, mordendo o lábio, incerta do que deveria dizer.

— Posso perguntar só mais uma coisa?

— Manda ver.

— Eu só queria saber se... Não tem medo de mim? Mesmo com tudo que eu fiz, não me vê como ameaça?

— Eu sou meio maluca, Ultron, perdi o medo de você no momento em que começamos a discutir na sala de estar — desviou o olhar, franzindo o cenho com uma careta sem graça. — Tá, fiquei com medo quando me segurou pelos ombros daquele jeito, exigindo atenção.

— Ah... Me arrependo disso. Foi um momento impulsivo, eu só... Queria que me ouvisse, que me desse uma fração da sua atenção.

— Bem... Ela é toda sua agora — deu de ombros.

Please [drop by the Archive and comment](#) to let the creator know if you enjoyed their work!